

O QUE SÃO AS CONTRATENDÊNCIAS À QUEDA DA TAXA DE LUCRO?

Diego Marques Pereira dos Anjos

Militante do Movimento Autogestionário,
professor de História e mestrando em
Ciências Sociais pela Unesp, campus de
Marília.

A diminuição do valor real dos salários é a expressão final de uma das variadas contradições que movem a sociedade capitalista: o combate às crises no processo de valorização do capital. É por isso que é de interesse dos trabalhadores descobrir as causas de sua exploração e como os lucros e prejuízos da classe capitalista sempre lhes custam mais exploração.

A determinação fundamental da sociedade capitalista é o processo de valorização do capital, que é uma específica relação social em que as relações de produção estão antagonizadas por duas classes sociais: a dos produtores diretos, que “livres” das condições materiais do processo de trabalho (ferramentas, máquinas, etc.) e dos meios de subsistência para a manutenção da vida são lançados ao mercado de trabalho em igual condição de todas as outras coisas existentes em nossa sociedade, ou seja, uma mercadoria possuidora de um determinado valor; por outro lado, um grupo reduzido de pessoas controla todas as condições para o processo de trabalho e dirige o sentido da produção social da vida, além de privar as massas trabalhadoras do mínimo para sua sobrevivência. A classe dos capitalistas dispõe de todas as condições necessárias para o processo de trabalho e exerce seu predomínio nas relações de produção e, conseqüentemente, sobre toda a sociedade através do estado, da repressão, da ideologia, pelos valores dominantes, etc.

Contudo, se analisado de onde o processo de valorização do capital tira sua força para se movimentar e reproduzir constante e crescentemente descobrimos que tal poder aparentemente sobre-humano não é mais que uma frágil casca de ovo que se petrifica através da naturalização das relações sociais da sociedade capitalista sobre a classe

trabalhadora. Isto porque é o trabalho vivo, exercido concretamente durante o processo de produção, o que cria e produz valor, atividade vital esta que existe onde existe ser humano que precisa sobreviver e reproduzir as relações sociais, só que na sociedade capitalista trabalho produtor de valor significa aquele dispêndio de esforço que acrescenta um valor a mais às condições iniciais da produção (ferramentas, máquinas, etc.), valor que o capitalista não paga ao trabalhador, pois expropria a diferença entre o tempo de trabalho trocado em salário e o tempo de sobre-trabalho que o capitalista utiliza para si. Karl Marx, autor de *O Capital*, é quem descobre que “o custo capitalista com a mercadoria mede-se no dispêndio em capital, o verdadeiro custo da mercadoria no dispêndio em trabalho” (MARX, 1983, p. 24).

O processo de valorização do capital é ao mesmo tempo o processo de acumulação capitalista, ou seja, só há reprodução da sociedade capitalista enquanto há extração de mais-valor no processo de trabalho. Acontece que a necessidade capitalista de constantemente revolucionar os meios e métodos de produção (devido sobretudo à concorrência entre os grandes capitalistas) no sentido de ampliar o ciclo de valorização do capital produz necessariamente crises no processo de valorização do capital, isto porque com a mesma quantidade de força de trabalho empregada na produção aumenta a quantidade de trabalho morto (máquinas, instalações, etc.) que não repassa um acréscimo de valor no produto do trabalho, somente repassa seu valor para o produto final.

Esse processo chama-se aumento da composição orgânica do capital, o que significa que a classe capitalista possui em suas mãos mais trabalho morto e relativamente menos trabalho vivo (em relação à soma global de capital existente), aumentando a massa dos produtos do trabalho (ao invés de produzir 10 armas em uma hora produz 25 armas nesse mesmo tempo e com a mesma quantidade de trabalhadores) o que diminui a taxa de lucro, na medida em que a taxa de lucro se mede pela diferença entre o capital adiantando (capital constante e capital fixa de um lado, e a quantidade de força de trabalho empregada) e a taxa de mais-valor extraída. A massa de lucro aumenta, já que se tem mais produtos para serem jogados no mercado, mas a taxa de lucro por cada produto diminui, o que produz a necessidade de reprodução ampliada do mercado consumidor. Mas de qualquer forma ocorre uma diminuição progressiva, embora não absoluta, da taxa de lucro (em cada

mercadoria existe menor quantidade de extração de mais-valor).

A tendência declinante da taxa de lucro é uma limitação concreta ao processo de valorização do capital, daí as constantes crises capitalistas. Mas a tendência de crise inerente ao processo de valorização do capital não produz necessariamente a derrocada final da sociedade capitalista, nem tampouco vivemos uma eterna conjuntura de crise capitalista como afirmam os discursos bolcheviques modelados aos seus interesses partidários. Como as relações de produção capitalistas são relações entre classes com interesses antagônicos o processo de crise de valorização do capital é reforçado pela reação e contestação da classe trabalhadora, assim, quando ocorre uma forte crise de valorização do capital acompanhada pela movimentação dos trabalhadores surgem as épocas revolucionárias e de tentativas de ruptura com a sociedade capitalista (VIANA, 2009).

O processo de acumulação capitalista necessita a crescente valorização do capital. Como reafirmou Rosa Luxemburgo é pela primeira vez na história que o objetivo do explorador se concentra exclusivamente no aumento da exploração (1988); Sendo “o objetivo imediato e o motivo determinante da produção capitalista” (MARX, 1983, p. 185) o fenômeno social que é o ciclo de valorização do capital deve conter contramedidas à tendência de queda da taxa de lucro. Marx afirma que as contratendências à queda da taxa de lucro não anulam a lei, mas tem por efeito retardar e em parte paralisar a queda da taxa de lucro. As principais práticas de contratendência ao aprofundamento da queda da taxa de lucro citadas por Marx são expressas pela elevação do grau de exploração do trabalho; compressão dos salários abaixo do valor; barateamento dos elementos do capital constante; superpopulação relativa; comércio exterior; e aumento do capital por ações. Importante notar que tais práticas não são medidas pontuais, nem dependem diretamente da ação obediente dos governantes de toda hora, são efeitos contraditórios da própria lei de acumulação e valorização do capital, e por isso também do processo de relativo decréscimo da sociedade capitalista. O mesmo desenvolvimento que produz a tendência de queda da taxa de lucro contém os elementos que produzem o efeito de conter essa queda.

Vejamos os detalhes de cada um desses efeitos:

I) **A elevação do grau de exploração do trabalho:** aumenta a extração de mais-

valor se realizada através do prolongamento da jornada de trabalho e/ou da intensificação do trabalho; a intensificação do trabalho deve ocorrer da forma que não aumente os gastos com o capital constante, mas quando essa forma de extração de mais-valor relativa aumenta a produtividade do trabalhador que supervisiona maior volume de maquinaria leva necessariamente à diminuição da massa de mais-valor extraída porque diminui o número de trabalhadores colocados em movimento pelo capital; e por outro lado, o prolongamento da jornada de trabalho que aumenta a massa de mais-trabalho apropriado sem modificar essencialmente a relação entre força de trabalho utilizada e capital constante posto em movimento, mas que por sua vez possui óbvios limites de uso da força de trabalho, embora a loucura da acumulação idealiza um tempo de trabalho que se aproxime das 24 horas. Acrescentado regularmente à elevação do grau de exploração o uso de trabalho feminino e de crianças, para aumentar a soma global de salário da família, embora às custas do menos valor em salário dado a estes;

II) **Compressão dos salários abaixo do seu valor:** é uma das causas mais significativas de contenção da queda da taxa de lucro, e ao mesmo tempo a que mais desperta a reação da classe trabalhadora, porque trata-se da repartição do produto social, da capacidade de consumo da classe trabalhadora;

III) **Barateamento dos elementos do capital constante:**

Em decorrência do desenvolvimento da força produtiva do trabalho os elementos que a comportam diminuem de valor, o capital constante não cresce na mesma medida que o seu volume material, não acompanha o aumento da quantidade dos meios de produção; a desvalorização dos elementos do capital constante em relação capital variável ajuda a conter a queda na taxa de lucro diminuindo os efeitos da desvalorização das mercadorias com mais “trabalho morto” incorporado;

IV) **A superpopulação relativa:** derivada da grande quantidade e barateza dos assalariados disponíveis. Onde há concentração do capital há uma superpopulação relativa que infla correspondendo ao desenvolvimento da força produtiva de trabalho, isto é, de acordo com a capacidade de produção. O capital passa a dispor de uma elevada massa de trabalhadores com salários abaixo da média gerando uma extraordinária taxa de mais-valor;

V) **Comércio exterior:** atua principalmente ampliando a escala da produção, desvalorizando os elementos do capital constante e elevando a taxa de mais-valor o que acelera a acumulação do capital; embora esteja na base desde o início do desenvolvimento capitalista, com o progresso da produção necessita de mercado sempre mais amplo para o crescente número de produtos. A ampliação do comércio exterior também traz vantagens para o país mais adiantado que lança suas mercadorias no mercado internacional porque na concorrência com mercadorias de país mais atrasados, com menores facilidades de produção, o país mais desenvolvido vende suas mercadorias com um valor maior (e assim com uma maior parte de trabalho não pago) e ainda assim com o produto unitário mais barato que o dos concorrentes. Caso similar é a troca de produtos do país imperialista com o país subordinado já que as classes dominantes do país imperialista se apropria de uma quantidade maior de mais-trabalho no produto trocado.

VI) **Aumento do capital por ações:** Com o progresso da produção capitalista uma parte do capital só se põe em movimento como capital que proporciona juros, sejam eles grandes ou pequenos, não contendo em sua base nenhuma parte de capital variável (trabalho vivo), portanto, não entram na contabilização da taxa geral de lucro. Como proporcionam uma taxa de lucro menor que a média, mas não se fundamentam no cálculo da taxa de lucro, geram dividendos, o que ajuda a conter a queda da taxa de lucro. (MARX, 1983, pgs. 177/182).

Se faz necessário ressaltar que todos os efeitos que funcionam como contratendências à queda da taxa de lucro têm suas origens no próprio processo de valorização do capital, resultam do desenvolvimento da produção (das constantes revoluções das forças produtivas do trabalho) e explicam não porque ocorrem crises na taxa de lucro em meio ao paradisíaco ambiente de valorização visto da perspectiva do capitalista; explicam o porque de a queda na taxa de lucro não ter sido ainda maior, dado a crescente dificuldade de valorização do capital e como efeitos contrários à queda da taxa de lucro atuam no desenvolvimento da valorização do capital (surgem como expressão legítima do avanço capitalista, como o são todos os itens acima mencionados) mas também na contenção da tendência de decréscimo do mesmo processo de valorização capitalista.

As tendências e contratendências existentes em torno da valorização do capital

Revista Posição

expressam a relação social baseada na exploração do trabalho, de um lado o desenvolvimento da concentração e centralização do capital em grandes oligopólios, isto é, a força do capital organizado, dirigindo e controlando a sociedade por ele criada; por outro lado, expressa o nível de mobilização do proletariado, sobretudo, no que se refere à ação que questiona revolucionariamente a relação de exploração no trabalho e ao mesmo tempo expressando novas relações de produção e de auto-organização da vida coletiva.

As relações concretas de exploração e a luta contra a exploração capitalista resultaram na descoberta teórica dos fundamentos da sociedade capitalista, o que tem sua máxima expressão na contribuição de Karl Marx sobre o processo de valorização capitalista. Enquanto expressão teórica é válida para a utilização na formação política das organizações revolucionárias, nas análises da conjuntura imediata e do processo de luta.

REFERÊNCIAS

LUXEMBURG, Rosa. *A acumulação do capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo. Anti-Crítica*. Vol. 2. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Volume III. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

VIANA, Nildo. *O capitalismo na era da acumulação integral*. São Paulo: Idéias e Letras, 2009.